

# 1

Tom estava de pé no bar-tabacaria de Georges e Marie, com uma chávena de café expresso quase cheia na mão. Já pagara, e os dois maços de *Marlboro* para Héloïse deformavam-lhe a algibeira do casaco. Observava um jogo de máquina de moedas com que alguém se entretinha.

O ecrã mostrava o desenho animado de um motociclista, ao fundo, lançado a toda a mecha, com uma estacaria que avançava pelos dois lados da estrada a dar a ilusão de velocidade. O jogador manipulava uma meia roda, fazendo o motociclista guinar para ultrapassar um carro mais lento ou saltar como um cavalo para transpor uma cerca que se atravessava inesperadamente na estrada. Se o motociclista (jogador) não saltava a tempo, havia uma colisão silenciosa, aparecia uma estrela preta e dourada a indicar que tinha havido choque e o motociclista estava acabado — e o jogo também.

Tom observara o jogo muitas vezes (era o mais popular dos que Georges e Marie tinham comprado), mas nunca jogara. Ignorava porquê, mas não queria.

— *Non-non!* — A voz de Marie ergueu-se atrás do balcão, sobrepondo-se ao chinfrim habitual, a contestar a opinião de algum cliente, provavelmente a respeito de política. Ela e o marido eram de esquerda fossem quais fossem as circunstâncias. — *Écoutez, Mitterrand...*

Passou pelo pensamento de Tom que, no entanto, Georges e Marie não viam com bons olhos o influxo de pessoas do Norte de África.

— Eh, Marie! *Deux pastis!* — Desta vez era o gordo Georges que, de avental branco um tanto ou quanto sujo por cima da camisa e das calças, servia as poucas mesas onde os fregueses bebiam e, ocasionalmente, comiam batatas fritas e ovos cozidos.

A máquina de discos tocava um velho chachachá.

Uma silenciosa estrela preta e dourada! Espectadores do jogo gemeram, pesarosos. Morto. Estava tudo acabado. O ecrã emitia a sua mensagem muda, obsessiva, INTRODUZA MOEDAS INTRODUZA MOEDAS INTRODUZA MOEDAS, e o trabalhador de *blue jeans* levou obedientemente a mão ao bolso, introduziu mais moedas e o jogo recomeçou, com o motociclista em excelente forma a irromper lá do fundo pronto para tudo, desviando-se com toda a limpeza de um barril que apareceu no seu caminho, saltando com suavidade a primeira barreira. O homem aos comandos estava atento, decidido a conseguir que ele se safasse.

Tom pensava em Héloïse, na sua viagem a Marrocos. Ela queria ver Tânger, Casablanca, talvez Marraquexe. E ele acedera a acompanhá-la. No fim de contas, não se tratava de um dos cruzeiros de aventuras que ela costumava fazer e que exigiam idas ao hospital, para vacinas, antes da partida, e, como seu marido, competia-lhe acompanhá-la em algumas das suas passeatas. Héloïse tinha duas ou três inspirações por ano, mas não as punha a todas em prática. Tom não estava com disposição para férias agora. Agosto ia no começo, Marrocos atravessava o seu período mais quente, e ele amava as suas peónias e as suas dalias nesta época do ano, adorava cortar duas ou três para a sala de estar, quase diariamente. Tom gostava do seu jardim e também gostava de Henri, o topa-a-tudo que o ajudava nos trabalhos pesados, um gigante quando se tratava de força, embora não fosse homem para certas tarefas.

E depois havia o Casal Peculiar, como Tom começara a tratá-los ao pensar neles. Não tinha a certeza de que fossem casados, e claro que isso não importava. Tinha a impressão de que andavam a farejar na área e estavam de olho nele. Talvez fossem inofensivos, mas nunca se sabia. Reparara neles pela primeira vez cerca de um mês antes, em Fontainebleau, numa tarde em que ele e Héloïse tinham ido às compras: um homem e uma mulher que pareciam americanos e aparentavam uns 35 anos, caminhando na direção deles,

olhando-os com aquele olhar que Tom conhecia muito bem, como se soubessem quem ele era, como se até soubessem, talvez, que se chamava Tom Ripley. Tinha visto o mesmo olhar algumas vezes em aeroportos, embora fosse raro e ultimamente não tivesse acontecido. Podia aparecer, supunha, depois de a fotografia de uma pessoa ter vindo nos jornais, mas há anos que ele não vinha em jornais nenhuns, tinha a certeza. Não acontecia tal coisa desde o caso Murchison, e isso fora há cerca de cinco anos — Murchison, cujo sangue ainda manchava o chão da adega de Tom e que ele dizia ser uma nódoa de vinho, se alguém reparava.

Na verdade, recordou-se, era uma mistura de vinho e sangue, pois Murchison tinha levado com uma garrafa de vinho na cabeça. Uma garrafa de *Margaux* empunhada por ele, Tom.

Bem, o Casal Peculiar. Pumba, lá se foi o motociclista! Com esforço, Tom afastou-se e levou a chávena vazia para o balcão.

O indivíduo masculino do Casal Peculiar tinha cabelo escuro e liso e usava óculos de aros redondos e o feminino tinha cabelo castanho-claro, rosto delgado e olhos cinzentos ou cor de avelã. Era o homem que olhava fixamente, com um sorriso vago e vazio. Tom achava que talvez tivesse visto o homem antes, em Heathrow ou no aeroporto de Roissy, a lançar-lhe aquele olhar que dizia conheço-a-tua-cara. Nada de hostil, mas, mesmo assim, ele não gostava.

Depois vira-os uma vez, ao meio-dia, a descerem vagarosamente, de carro, a rua principal de Villeperce, quando saía da padaria com uma *flûte* (devia ter sido num dia de saída de *Madame Annette*, ou nalguma ocasião em que ela estivera atarefada com um almoço), e novamente reparara que o olhavam. Villeperce era uma cidadezinha minúscula, a vários quilómetros de Fontainebleau. Porque haveria o Casal Peculiar de ali ter ido?

Tanto Marie, com o seu grande sorriso vermelho, como Georges, meio careca, estavam atrás do balcão quando Tom empurrou o pires e a chávena.

— *Merci et bonne nuit, Marie... Georges!* — despediu-se Tom, sorrindo.

— *Bon soir, M'sieur Reepley!* — gritou Georges, acenando com uma mão e servindo *calvados* com a outra.

— *Merci, m'sieur, à bientôt!* — despediu-se Marie.

Tom estava quase a chegar à porta quando o indivíduo do sexo masculino do Casal Peculiar entrou, de óculos redondos e tudo, aparentemente sozinho.

— Mr. Ripley? — Havia novamente um sorriso nos seus lábios rosados. — Boa tarde.

— Boa tarde — respondeu Tom, sem deixar de se encaminhar para a porta.

— Nós... a minha mulher e eu... posso convidá-lo para uma bebida?

— Obrigado, mas vou-me embora.

— Fica para outra ocasião talvez. Alugámos uma casa em Villeperce. Naquela direção — fez um gesto vago para norte, enquanto o seu sorriso se alargava e mostrava uns dentes quadrados. — Parece que vamos ser vizinhos.

Tom viu-se confrontado com duas pessoas que entravam e teve de recuar para dentro do bar.

— O meu nome é Pritchard. David. Estou a fazer uns cursos na associação educacional de Fontainebleau, na INSEAD. Sabe o que é com certeza. De qualquer modo, a minha casa aqui é uma moradia branca de dois andares, com jardim e um pequeno tanque. Apaixonámo-nos por ela por causa do tanque, reflexos no teto... a água. — Soltou uma casquinada.

— Percebo — disse Tom, tentando parecer razoavelmente agradável. Já estava fora da porta.

— Depois telefone-lhe. A minha mulher chama-se Janice.

Tom conseguiu fazer uma inclinação de cabeça e forçar um sorriso.

— Sim... ótimo. Telefone. Boa noite.

— Não há por aqui muitos americanos! — Lançou o determinado David Pritchard às suas costas.

Mr. Pritchard ia ter um trabalhão para encontrar o número do seu telefone, pensou Tom, pois ele e Héloïse tinham arranjado maneira de que não viesse na lista. David Pritchard, exteriormente enfadonho, quase da sua altura e um bocado mais pesado do que ele, parecia prometer chatices, ia Tom pensando enquanto caminhava para casa. Seria um agente de qualquer tipo de polícia? Andaria a desenterrar cadastros antigos? Seria detetive particular de... de quem, realmente? Tom não conseguia lembrar-se de nenhuns inimigos

no ativo. «Falso» era a palavra que associava com David Pritchard: sorriso falso, boa vontade falsa, talvez falsa até a história a respeito de estudar na INSEAD. Essa instituição educacional em Fontainebleau podia ser uma camuflagem — na realidade, uma camuflagem tão óbvia que Tom pensou que talvez fosse verdade, que talvez Pritchard lá andasse a estudar alguma coisa. Ou talvez eles não fossem marido e mulher, mas sim um par da CIA. Porque andariam os EUA atrás dele?, interrogou-se. Não se tratava de impostos, pois tinha-os em ordem. Murchison? Não, isso estava arrumado. Ou, melhor, o caso tinha sido abandonado. Murchison e o seu cadáver tinham desaparecido. Dickie Greenleaf? Custava-lhe a crer. Até Christopher Greenleaf, primo de Dickie, lhe escrevia de vez em quando um postal, como acontecera o ano anterior, por exemplo de Alice Springs. Christopher era agora engenheiro civil, casado e, segundo se lembrava, a trabalhar em Rochester, Nova Iorque. Tom mantinha, até, boas relações com Herbert, o pai de Dickie. Pelo menos trocavam cartões de boas-festas pelo Natal.

Quando se aproximava da grande árvore que ficava defronte de Belle Ombre, uma árvore cujos ramos se inclinavam um pouco para a estrada, o seu estado de espírito animou-se. No fim de contas, que motivos tinha para se preocupar? Empurrou o grande portão apenas o suficiente para entrar pela abertura, depois fechou-o com o menor ruído possível, colocou o cadeado e em seguida o ferrolho.

Reeves Minot. Tom estacou e os seus sapatos escorregaram no saibro do pátio. Estava no horizonte outro trabalho de recetador para Reeves, que telefonara dias antes. Tom jurava amiúde a si mesmo que não voltaria a fazer isso, mas depois acabava por aceitar. Seria pelo gosto de conhecer nova gente? Deu uma gargalhada breve e quase inaudível e reatou o caminho para a porta principal da sua casa com a habitual passada leve que quase não perturbava o saibro.

A luz da sala estava acesa e a porta apenas no trinco, como a deixara três quartos de hora antes. Entrou e fechou-a à chave. Sentada no sofá, Héloïse lia uma revista — provavelmente algum artigo sobre o Norte de África, pensou.

— *Hello, chéri*. Reeves telefonou. — disse Héloïse, levantando os olhos da revista e atirando o cabelo louro para trás, com uma sacudidela da cabeça. — Tom, trouxeste...